



SÍDIO ROSA DE MESQUITA JÚNIOR

<http://www.sidio.pro.br> - <http://sidiojunior.blogspot.com>

sidiojunior@gmail.com - sidio.junior@uol.com.br

Uma síntese da minha história

Meu nome é Sidio Rosa de Mesquita Júnior. Nasci em Pedro Afonso – TO e sou filho de Sidio Rosa de Mesquita e de Sebastiana Alves de Mesquita. Meus pais, ele nascido em Catalão-GO (15.5.1935) e ela em Pires do Rio-GO (11.8.1939), se instalaram com suas famílias em Goiânia, Anápolis e cidades goianas próximas. Foi ali que se conheceram e se casaram em uma pequena cidade localizada nas proximidades de Anápolis (ele tinha 21 e ela 17 anos de idade).

Minhas irmãs são as mais velhas. Nasceram 5, todas em Goiás, mas 2 eram gêmeas e, em decorrência de um choque elétrico, que acelerou o parto, ambas morreram pouco depois do nascimento. Dentre as vivas, a mais velha, Rubenita, nasceu em Rialma, a mais nova, Geasy, em Goiânia e a intermediária, Rosenita, em Ceres.

Tenho 3 irmãos, Robertson, José e Wolney, todos mais velhos que eu e nascidos em Goiânia. Como a diferença de idade entre um e outro é de 1 ano (entre os 2 primeiros a diferença é de 11 meses e 18 dias e entre eu e o penúltimo, a diferença é de 1 ano e 1 dia), temos idades próximas, o que permite sermos amigos na atualidade.

Meu pai era pedreiro (morreu no dia 4.2.2011). Ele buscava novos horizontes e, por isso, se mudou para Pedro Afonso-GO. Ali, nasci e fiquei 28 dias, ocasião em que meus pais retornaram para Goiânia. No entanto, com menos de 4 anos, retornaria à cidade natal para morar até fevereiro de 1979.

Saí de Pedro Afonso depois que minha irmã Rubenita se casou. A Rosenita estudava em Anápolis. Meu irmão mais velho estudava em um colégio agrícola, em regime de internato. O segundo dos irmãos estava com meu pai em Paraíso do Norte-GO (esta cidade veio a se denominar Paraíso do Tocantins-TO).

Em nossa pobreza, vivemos péssimos momentos em Pedro Afonso. Por isso, minha mãe tinha vontade de sair dali. Certo dia apareceu um caminhoneiro em Pedro Afonso e procurou minha mãe, dizendo que meu pai mandou buscar-nos para irmos morar em Paraíso do Tocantins. Ao tomarmos conhecimento da notícia, procuramos o tal caminhoneiro, mas soubemos que ele atravessou o Rio Tocantins (de balsa, pois não havia ponte) e foi embora.

Encontramos outro, juntamos as poucas coisas que tínhamos e mudamos 3 horas depois (os bens móveis não ocupavam sequer a metade de um velho “caminhão toco” Mercedez Benz 1111).

Em Pedro Afonso, estudei no Colégio Estadual Pádua Fleury. Na cidade, brincava de “pau doce” (uma espécie de pique-pega) e de “rei do toco” (em que um ficaria em uma pedra ou árvore dentro de um dos rios da cidade – ela é banhada pelos Rios Tocantins e Sono – e seria “rei” enquanto os outros não o tirassem dali). Quando localizávamos uma serpente, levávamos para minha casa e, como tinha uma sala que não era ocupada por nenhum móvel, brincávamos de “cantinho” com ela, ou seja, com uma vareta, a jogávamos para um canto e quem fugisse, ao contrário de devolvê-la, perderia o canto, cedendo o lugar ao que esperava. Com essas brincadeiras, ao lado do pião, do carrinho de lata etc., éramos felizes.

Em Paraíso do Tocantins, iniciamos uma nova vida. Foi ali que conheci televisão, sendo que a assistia na casa de um vizinho. Eu, que desde a mais tenra idade fui vendedor de alface, picolé, “geladinha” etc., continuei tentando as vendas. Nunca fui muito bom com elas nem como engraxate. Sempre fui melhor em capinar quintais alheios e outras atividades. Daí, logo fazer datilografia e iniciar a trabalhar como datilógrafo de um curso de enfermagem que era desenvolvido em um hospital (anos 1979-1980). Depois, trabalhei em um escritório de contabilidade mirim, ou seja, de um contador nível médio (Técnico em Contabilidade), isso em 1980.

Logo em seguida, passei a trabalhar na Ortec – Organização Técnica Contábil, o escritório de contabilidade, à época, mais estruturado da cidade (telefonei ao proprietário, pedindo que reconhecesse os cerca de 6 meses que trabalhei ali, mas ele se negou a aceitar uma solução pacífica). Não posso informar com exatidão os períodos porque não havia contrato formal, nem registro na CTPS. Ainda trabalhava na Ortec quando surgiu a melhor oportunidade que eu poderia pensar: o Agrobanco – Banco Agropecuário S.A. ia abrir uma agência na cidade. Assim, me inscrevi para o concurso estabelecido, concorrendo à única vaga existente para continuo-servente.

Trabalhava na construção de uma casa que meu pai havia empreitado, quando fui procurado por um gerente de pessoal do banco, dizendo que, dentre os 70 candidatos, fui o escolhido. Em 14.1.1981, fui contratado pelo banco, isso em Goiânia.

Juntamente com meus colegas de então, fui fazer estágio em Mara Rosa-GO. Ali comecei a beber cerveja e algumas bebidas quentes. Ao retornar para Paraíso, minha mãe, que é e é Adventista do Sétimo Dia, ficou decepcionada. Quase perdi o último ano do ensino fundamental (8ª série) e entrei em forte crise com meu pai. Tudo contribuía para que eu arriscasse morar em Brasília-

DF, visando a me dedicar aos estudos e, quiçá, alcançar algum sucesso profissional.

Em Brasília, em relação ao trabalho e à bebedeira, tudo ficou igual. Perdi o ano letivo de 1982 e me frustrei. Também, em julho de 1982, perdi o emprego. Mais tarde, fui enganado por um Juiz classista (ele propôs a reclamatória trabalhista para mim e a extinguiu mediante acordo informal com o banco. Deste acordo, obviamente, não participei).

Morei na república do banco, mas a minha demissão me levou a morar com minhas irmãs, Rosenita e Geasy, isso no Cruzeiro-DF. Naquela época, fui membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o que facilitou minha contratação pela Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista. Os pastores e missionários, consternados com a minha situação, me mandaram para o Instituto Adventista de São Paulo (IASP), o que se deu em fevereiro de 1983.

O período no IASP foi difícil. Eu, durante a madrugada, trabalhava na leiteria e recebi a atribuição alimentar e lavar as vacas, além de ter que buscar fezes no pasto para fazer adubo (eu era chamado de “bosteiro”). Estudava no turno matutino e ia para a agricultura no vespertino. Abandonei p IASP em junho de 1983, retornando para Brasília, onde encontrei minha mãe em fase de cirurgia em decorrência de câncer de útero. Acompanhei-a durante a internação e voltei com ela para Paraíso, onde trabalhei (sem registro na CTPS) em um supermercado.

Meu irmão mais velho, Robertson, foi apoiado por mim no início de sua estada em Brasília. Ele gosta de assistir à família. Assim, entendeu que era momento de me ajudar e, como passou no concurso da Polícia Civil do Distrito Federal, sugeriu que eu ocupasse o seu lugar na Casa dos Parafusos Ltda. Daí eu ter voltado de Paraíso no final de 1983, a fim de trabalhar na referida empresa.

Em 1985 eu estudava no Colégio Objetivo, tendo me integrado ao grupo de elite do colégio. Nessa época, a Rosenita e o Robertson foram fundamentais porque arcaram com minhas despesas. Fui monitor do referido colégio e passei em vários vestibulares. Como não podia arcar com as despesas de um curso fora do Distrito Federal, optei pelo UniCEUB, onde me graduei Bacharel em Direito.

Em 1986, mal comecei o curso, quando decidi ser Sargento da Aeronáutica (a minha mãe desejava ter um filho militar e eu seria o único que poderia satisfazê-la). Concorri a uma vaga na Escola Especialista de Sargentos da Aeronáutica (EEAR) e, ante o fato de ter que me submeter aos exames, abandonei o Curso de Direito no 1º semestre. À época, era Adventista do Sétimo Dia e por isso tive problemas na EEAR, eis que um Capitão disse que faltei um serviço no sábado devido à religião.

A infundada acusação do Oficial da Força Aérea Brasileira me deixou indignado e eu disse a ele que era um frustrado e que quando eu chegasse aos 40 anos não gostaria se ser tão pequeno quanto ele. O resultado foi uma prisão administrativa e o meu pedido de desligamento do curso, saindo no final do 1º semestre de um curso que seria realizado em 4 semestres.

Retornando para Brasília, decidi me submeter ao vestibular de Direito, sendo aprovado em 2 faculdades particulares (UniCEUB e UDF). Tive problemas financeiros para custear o curso. Daí ter procurado a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) para saber se havia algum concurso. Quem me atendeu mostrou um edital para um concurso em que as vagas seriam para realizar um Curso de Formação de Oficiais.

Meu primeiro curso superior foi realizado na Academia Policial Militar do Guatupê, localizada na BR 277, km 12, em São José dos Pinhais-PR. Concluí o curso no dia 8.12.1989. Corolário natural foi o meu retorno a Brasília, onde reiniciei e terminei o Curso de Direito, no UniCEUB, em 20.12.1994.

No período das minhas graduações aconteceram coisas curiosas. Eu era Oficial da PMDF, tive uma filha, Millene Oliveira, e me casei pela primeira vez. Depois, em 17.3.1994, tomei posse como Técnico Judiciário (hoje Analista Judiciário) do TJDF.

Meu segundo filho, Lucas Oliveira, nasceu no dia 7.10.1994. Pouco depois, em 3.12.1994, me envolvi em grave acidente de trânsito e, em fase de recuperação das lesões experimentadas no acidente, iniciei e terminei o curso de pós-graduação *latu sensu* em Direito Penal e Criminologia. O curso foi realizado no Centro de Especialização e Aperfeiçoamento do UniCEUB, tendo sido concluído em 30.4.1996. Em seguida, cursei Metodologia do Ensino Superior na mesma instituição, o qual foi concluído em 21.3.2000.

Em entrei em exercício no cargo de Procurador Autárquico no dia 25.10.1996. No ano de 2000, meu cargo foi transformado em Procurador Federal, ocasião em que iniciei meu curso de Mestrado em Direito Público pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), o qual foi concluído em 7.11.2002.

A minha posse como Procurador, se deu no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) e, como a Revista Época publicou matéria me acusando de corrupção passiva, em 8.4.2002, fui forçado a escolher outra autarquia para trabalhar, tendo optado pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

Na verdade, sou da Procuradoria-Geral Federal (PGF), órgão vinculado à AGU, o que permite a lotação em diversas Procuradorias estabelecidas junto aos órgãos da administração pública indireta.

No CADE eu me sentia usado pelo sistema, inclusive quando atuei intensamente para viabilizar a aprovação do ato de concentração das

cervejarias brasileiras, fazendo nascer a AMBEV. Ao sair, me senti bem e, no INSS, fui muito feliz, mas entrei no concurso de remoção e fui à Procuradoria Federal junto ao DNIT, em 21.7.2008.

A violação à legalidade e à supremacia do interesse público sobre o particular, rotineira no DNIT, bem como o surgimento de oportunidade para me remover para órgão de ensino, provocaram a minha inscrição em novo concurso de remoção, sendo que estou lotado na Procuradoria Federal Especializada junto à Universidade de Brasília desde 8.12.2008.

Como Professor Universitário, iniciei minhas atividades no UniCEUB, em 1.10.1995, sendo que a modificação de filosofia da instituição levou à minha dispensa em Jul/2008. Por outro lado, fui admitido no UDF, em 15.2.1997, tendo ficado licenciado do 2º Sem/2003 até Set/2008, quando fui dali dispensado. Neste ano, em 1.2.2012, retornei à atividade no UDF, instituição de ensino que procurarei contribuir para o engrandecimento do seu nome.

Já fui convidado para lecionar em outras instituições de ensino superior do Distrito Federal, mas as experiências foram de curtos períodos. Fui professor do UNIPLAN (outroa denominado CESUBRA), de 1.4.2000 a 19.2.2004 e da UNIP, de 8.8.2000 a 19.1.2004.

Arrisquei o UNIEURO, de 8.2.2002 a 17.8.2002, mas, como a localização não era viável, logo pedi dispensa. Um coordenador me convidou para lecionar na IESPLAN, mas como ele logo dispensado e tive problemas com a instituição, decidi pedir minha dispensa. Assim, meu vínculo foi de 1.8.2003 a 30.1.2004. Também, tentei ajudar uma amiga, tendo trabalhado na IESGO.

A distância (83 km, contados da minha casa) fez com que eu desistisse, tendo me afastado. Atendendo aos pedidos da Professora Juliana Lucena, voltei a ser professor do IESGO, depois, em razão da distância, voltei a deixar aquele instituto (posso voltar a ajudá-los porque gosto muito das pessoas proprietárias da instituição). Hoje, estou em atividade na UnB e UDF.

Gosto de participar de seminários na qualidade de palestrante. Também, aprecio ser professor em cursos de pós-graduação, pois permitem análises teóricas mais amplas. Assim, sempre que me convidam para proferir palestra ou para lecionar em cursos de especializações estou à disposição.

Publiquei um livro em 1997, intitulado Prescrição Penal. Agradeço à Editora Atlas S.A. pela confiança que depositou em mim. Este livro teve mais três edições, uma em 2001, outra em 2003 e, finalmente, em 2007. Meu segundo livro, Execução Criminal: Teoria e Prática, foi publicado em 1999. Ele está na 6ª edição.

Pretendo publicar um Curso de Direito Criminal. A elevada inflação legislativa pátria e a pretensão de fazer análises mais profundas dos temas que

abordei nele me levaram a desistir do propósito, mas estou retomando a empreitada.

A minha última produção acadêmica, foi publicada em 2010, intitulada *Comentários à Lei Antidrogas: Lei n. 11.343, de 23.8.2006* (sexta edição). No momento, estou realizando atividades do meu curso de doutorado, tentando concluir a tese que versa sobre *Funcionalismo e garantismo na defesa de direitos fundamentais no processo criminal*.

Vários artigos de minha autoria foram publicados em periódicos impressos. Hoje, estou buscando expor minhas posições aqui, não vedando suas publicações noutros lugares, desde que sem alterações quanto ao conteúdo. Outrossim, minha atividade docente e, ao mesmo tempo, de produção científica está em nível muito intenso porque coordenei a especialização à distância no POSEAD, quando tive que produzir muito e continuo pesquisando.

Sou uma pessoa que gosta de estar com família. Estou casado com a lindíssima Adriane Aviani, desde 25.6.1999, uma vez que meu primeiro casamento só perdurou até 1998. Tenho 4 filhos: (a) Millene Oliveira, 8.6.1991; (b) Lucas Oliveira, 7.10.1994; (c) Mateus Aviani, 22.11.1999; (d) Giovanna Aviani, 26.2.2001.

A minha adorável mulher é paciente e extremamente companheira, o que facilita a convivência entre os irmãos unilaterais. Nesse ambiente, procuro viver de maneira feliz, fazendo o que efetivamente gosto: estar com minha família, trabalhar e estudar.

Sou hipertenso e tenho elevados níveis de colesterol, triglicérides e glicose. Por isso, preciso voltar às atividades físicas, não como as de um atleta, mas para manutenção da saúde, isso porque sei que atividades físicas são necessárias para tentar prolongar a vida útil do coração, razão de pensar nisso.

Pedro Afonso-TO foi um sonho. Ali, não existo, razão de querer criar algo para existir ali, embora sabendo que nenhum pedro-afonsino, salvo Nana Gouveia, tenha publicado tanto quanto eu. Apenas publicar, representa pouco, salvo se colocadas as ideias que fundamentam o livro. Por isso, brigo contra manuais ociosos, estéreis, longe daquilo que admito como razoável. Como creio que a existência depende do registro mental, somente por meio de ideias poderei existir.

Minha grande ambição de vida é continuar estudando e obter o grau de doutor (estou cursando doutorado na Universidad Nacional de Lomas de Zamora – UNLZ). O conhecimento que pretendo conquistar deverá ser compartilhado e sentir-me-ei honrado toda vez que perceber que minhas posturas estão encontrando lugar nas discussões acadêmicas.

Em última análise, sou uma pessoa feliz. É o que gostaria de, embora saiba ser impossível, propiciar a todos: um pouco de direção à felicidade. Sou defensor da luta pelo conhecimento e sua difusão como fundamento da felicidade.

Pretendo tornar a felicidade mais fácil de ser alcançada. Não sei exatamente o que sou, mas posso dizer como estou hoje. Estou de determinada maneira hoje, mas aberto aos novos conceitos, às novas teorias e ao crescimento intelectual. Isso é o que busco e pretendo transmitir às pessoas.

Brasília, 22 de março de 2012, às 20h15
Sidio Júnior